

---

# A FENOMENOLOGIA E A BUSCA DE SENTIDO

---

Getúlio Nascimento Braga Júnior<sup>1</sup>

O movimento fenomenológico<sup>2</sup>, por sua amplitude e profundidade, apresenta-se como uma nova atitude de pensar. Torna-se uma referência intelectual renovada e depurada do psiquismo e da sensibilidade de concepções naturalísticas, como também livre da crença cega do positivismo em uma ciência supostamente definitiva

---

<sup>1</sup> Doutor pela UFRJ, integrante do grupo de pesquisa do Seminário de Filosofia Jurídica e Política do programa de Pos-Graduação da UFRJ, advogado, membro da Comissão Permanente de Filosofia do Direito do IAB, professor da Universidade Candido Mendes, Unigranrio, UNIFOA, TRT 1ª. Região, Universidade Estácio de Sá. Integrante do grupo de pesquisa CNPQ/ UNIFOA sob o tema: Ética, Direito e Cidadania – Direito e Desenvolvimento político social. Orientador de Iniciação científica (PIC/UNIFOA) sob o tema: Diálogos entre Fenomenologia Cidadania e Novos Direitos na Ordem Democrática

<sup>2</sup> No roteiro cronológico, o século XVII, já apresentava um protótipo fenomenológico, a saber, com Christian Wolf, o qual entendeu por fenomenologia a teoria da ilusão sob suas diferentes formas. Naturalmente, que a afirmação de Wolf não se distancia de seu racionalismo dogmático. Johann Heinrich Lambert discípulo livre de Wolff, com seu *Novo Organon* (1764), também apresenta sua versão do termo. Dartigués diz que, possivelmente, seja por influência de Lambert que o filósofo de Königsberg – Immanuel Kant – utiliza o termo, e em 1770 endereça ao discípulo de Wolff uma correspondência com o título *phaenomenologia generalis* designando-a como disciplina propedêutica que, segundo ele deveria preceder a metafísica. Também utiliza o termo na *Carta a Marcus Herz* em 21 de fevereiro de 1772. Seguem-se ainda Willinam Whewel com sua *Geografia Fenomenológica* e Ernest Mach com a *Fenomenologia Física Geral*. (Cf. DARTUGUÉS, André, p. 11-12). A obra que com maior alcance trata de tal movimento foi elaborada por Herbert Spiegelberg – *The phenomenological movement: a historical introduction, Third revised and enlarged edition*. É um grande tratado sobre todos os autores que se debruçaram sobre o tema, sendo dividida em fase inicial, fase alemã, francesa, uma fase ligada à geografia do movimento e, finalmente, uma última fase sobre a essência do método fenomenológico.

e salvadora de toda insegurança humana diante de sua finitude. Esta nova postura diante da realidade caracteriza-se por uma investigação fecunda, ou mais propriamente, pela mais radical fundamentação de uma autêntica teoria do conhecimento, ao mesmo tempo em que pavimenta um novo solo e um novo horizonte de singularidades no seio dos complexos existenciais das vivências do homem. Em outras palavras, ela trata, inicialmente, da validade de tudo que se pode afirmar, e simultaneamente, não deixa de contribuir para questões incidentes ou ainda recorrentes que porventura venham a instar com o homem acerca de seu projeto existencial. Esta verdade faz lembrar da poderosa e alta profundidade da afirmação husserliana de que os filósofos nada mais são do que *funcionários da humanidade*. Entre o variado, mas rigoroso cabedal de contribuições da fenomenologia à humanidade, está a de fornecer a possibilidade de doação de sentidos ao mundo a partir do retorno à subjetividade no uso do mais profundo radicalismo da redução a um viver originário. Este procedimento engendrado por Husserl é ainda mais radical do que a inaugural subjetividade moderna de Descartes com seu *cogito*, visto que o afirmado é procedido com base na presencialidade dos objetos com vistas aos seus significados e sentidos, isto é, admitida sua objetividade, a saber, como *noema*, constituindo assim um momento *hilético* ou material do conhecimento na interação do *noésis-noema* – já que os mesmos estão penetrados pelo “eu puro” e portanto, apresentado-se como objetos que têm valor, como aqueles que recebem, por doação, um sentido, o qual irrenunciavelmente estará penetrado de valores.

A fenomenologia não quer se perder em discussões inofensivas, circulares, intermináveis entre a essência e aparência. Basta lembrar a compreensão que o povo, cuja cultura foi a gênese do pensamento ocidental, a saber o gregos, e elucidar a questão suscitada. Para os gregos a fenomenologia significou uma íntima unidade entre o

ser e o aparecer. A fenomenologia é atitude e também é método e, naturalmente que esta afirmação obedece ao próprio método fenomenológico para sua consecução.

## 1. ESSÊNCIA E VALOR PRELIMIARES

Prosseguindo no plano da exposição do sentido e do valor, seria oportuno elaborar uma indagação sobre objeto artístico. Então, quantos objetos, como por exemplo, em se tratando de uma obra de arte, não estão impregnados de um valor muito além do que o do material neles utilizado? Para levá-los a possibilidade de observação mais atenta, do mesmo modo, seu valor não excederia também a técnica (*techné*) da qual lança mão o seu artista? Em verdade, este referido valor parece apresentar-se mesmo ulterior a própria obra, para encontrar nela um valor de aproximação estimada, mas ainda ínfima, diante da grandeza que a mesma pode representar, seja ao predizer, retratar, ou ainda conceber como desejável ainda que irrealizável. Uma das maiores forças do pensamento do século XX e também discípulo de Husserl, o filósofo Martin Heidegger afirma em sua obra *A origem da obra de arte* que uma pedra é tão somente uma pedra, mas essa pedra é diferente quando se encontra no templo (HEIDEGGER, *A origem da obra de arte, in Kriterion*, vol. XXVII, n° 76 jan a jun 1986, p. 188), entre aquela arquitetura que, revela e oculta tanto na exposição de seu brilho e luminosidade pétreas sob o azul do céu grego.

Enquanto é um instrumento, um utensílio, a coisa permite que sua *matéria* desapareça: a pedra, por exemplo, dá lugar ao edifício construído. Na obra de arte ao contrário, a matéria não é absorvida nos complexos de significação: *a arquitetura está na pedra, o quadro está na cor...* as coisas não se esgotam na sua instrumentalidade, pois

que sua essência permanece aquém de nossos projetos utilitários. HEIDEGGER, *A origem da obra de arte, in Kriterion*, vol. XXVII, nº 76 jan a jun 1986, p. 187).

A IX sinfonia de Beethoven constitui um outro exemplo magnífico sobre o qual se pode afirmar que a existência e o valor não dependem de uma utilidade. A deficiência auditiva não obtemperou ao maestro escrever uma obra cuja essência atravessaria a história e arrebataria a alma para além de qualquer entretenimento. A magnífica e emocionante construção musical Beethoveniana ela não deixa de existir por não estar sendo executada, e ainda que não seja a Filarmônica de Berlim quem a está brindando aos ouvidos atentos de almas sensíveis, mesmo que não seja a sobredita orquestra executando com toda virtuosidade pródiga de seu enlevo, ser-nos-á, pela sua essência, conhecida e amada.

## **2. O MUNDO DA VIDA: UMA APRESENTAÇÃO**

O exame de questões como estas e a abertura de foco para ainda muitas outras, declaram como o pensamento fenomenológico tem contribuído de modo vital para refundar um mundo que Husserl chamou *mundo da vida*. Este mundo de doação de sentidos, está portanto, profundamente, ou essencialmente, ligado a valores que a subjetividade, a qual se busca retornar por meio da própria fenomenologia, doa. Neste campo da reflexão filosófica, há um intelectual, também discípulo de Husserl, que se apresenta como um grande pensador a se debruçar sobre uma filosofia associada ao mundo dos valores, a saber, Max Scheler<sup>3</sup>, que com sua *O*

---

<sup>3</sup> Max Scheler costumava afirmar com intensidade que não era discípulo de Husserl, e que descobrira o método fenomenológico por si próprio. Em contrapartida, a posição do filósofo dos valores carece de duas observações. Primeiramente, um método não se descobre, ele é construído, e não há outra mente que tenha sido tão criterioso e rigoroso quanto Husserl para a constituição de tal método. A seguir Theresia Renata de Spiritu Sancto observa que *Todos aqueles que conheceram Scheler; ou leram atentamente seus escritos, sabem com que facilidade ele absorvia os pensamentos alheios; chegavam até a ele idéias que, em seguida*

*Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores* lança mão de uma perspectiva fenomenológica para falar sobre uma fenomenologia dos valores. Não obstante seja justo e relevante reconhecer a contribuição de Scheler, as palavras que se seguem não pretendem tratar do tema a partir de Scheler. A inspiração e referência do presente trabalho flui do próprio pai da fenomenologia – Edmund Husserl – considerando que antes de uma fenomenologia dos valores, é preciso falar da fenomenologia na sua mais premente preocupação, qual seja, a de retorno à subjetividade<sup>4</sup>, por considerar sua importância e participação singular em sua interação com o mundo, compreendendo esta interação a doação de sentidos. Sentidos que, como já foi afirmado e reitera-se, estão inegavelmente ligados a valores, mas não por uma influência emotiva Scheleriana.

Deste modo, a fenomenologia husserliana, mais precisamente desenvolvida na obra intitulada *Meditações Cartesianas*, aprofunda a questão da subjetividade, fornecendo um campo fértil de indagações, teorias e métodos para compreender as relações entre subjetividade, sentido e valores. As *Meditações* revelam-se como uma obra singular, em que Husserl medita à moda cartesiana, contudo o mestre vai além, por um motivo, que será devidamente exposto neste texto. Embora a obra esteja dividida em cinco meditações, interessará a este trabalho mais especialmente a *Quinta* por tratar-se de questões atinentes à intersubjetividade, um tema tão instável quanto ao provimento de reflexões e caminhos percorridos nas sendas do entendimento. É na quinta meditação que o filósofo natural da Morávia imerge no problema da intersubjetividade, no qual Husserl, tem de ser mais uma vez lembrado no seu incansável e escrupuloso debate com os dramas da vida humana. Em outras

---

reelaborava, sem que ele próprio percebesse a influência sofrida, de modo que podia afirmar de boa fé tratar-se de um patrimônio inteiramente seu (Cf. Theresia Renata de Spiritu Sancto *apud* ROVIGHI, p. 382). Percebida ou não, o impacto de Husserl sobre sua época é definitivo e marcante.

<sup>4</sup> Considera-se, sobretudo, a palavra de ordem da fenomenologia, qual seja, a de retorno à subjetividade alijada pelo espírito do positivismo e do psicologismo.

palavras, o pai da fenomenologia liberta uma discussão legítima sobre a intersubjetividade porque o homem não pode ser explicado, mas tão somente compreendido. É este homem, enquanto subjetividade e objeto somente de compreensão, ao qual se retorna para elaborar uma teoria dos valores que se primam intersubjetivos.

Husserl, na sua primeira meditação, empreende um caminho rumo ao ego transcendental que ratifica sua reputação de intelecto escrupuloso na procura de uma evidência: ora, se é preciso, para responder à exigência de radicalidade, começar pelo princípio, como não partir daquilo que se revela e se confirma ser o solo de todas as nossa experiências, o mundo no qual vivemos? [...] por *via cartesiana* busca o começo indubitável na certeza do *eu sou* a cuja evidência não posso escapar – não é o *cogito* o verdadeiro princípio dos princípios e a primeira proposição de toda a verdadeira filosofia? (KELKEL & SCHÉRER, 1992, p. 40).

### **3. A INTERROGAÇÃO SOBRE A SUBJETIVIDADE**

Quão fundamental é retornar à subjetividade e, portanto, mui sabiamente optou o filósofo por iniciar seu caminho em direção ao eu a partir desta postura cartesiana pondo em questão, ou mais precisamente suspendendo, e enfim, colocando entre parênteses, toda a realidade. Semelhantemente a Descartes procederá, entretanto indo muito além do filósofo francês. Com rigorosos argumentos e em busca de um terreno radical pondo em questão todo o conhecimento até então adquirido, bem como confrontando até mesmo as verdades produzidas e validadas pelo conhecimento científico, o mestre de Prosznitz trilha sendas espinhosas e desafia seu tempo, o que era inevitável para um espírito agudo como ele. Para Husserl, mesmo a ciência não traduzia um recomeço radical,

considerando que ela fora lançada sobre um outro solo que a precede, a saber, a natureza, que não é o homem e que portanto a ele não pode ser aplicada. Em outras palavras, a própria ciência não é dada de antemão. Afinal, a mostra de uma evidência apodítica – *o eu* – é assim, a porta de entrada, muito mais segura que a ciência concebida pelo espírito moderno, ou tão somente segura, que cria um novo horizonte com vistas à subjetividade, o que possibilita a distinção entre o eu psicológico e o eu transcendental. Um fato que diferencia tal reflexão da operada por Descartes<sup>5</sup> é a preocupação com a orientação transcendental que se impõe desde que se atente para a redução fenomenológica do eu transcendental, domínio da experiência interna e fenomenológica.

O termo sujeito na fenomenologia de Husserl está associado ao conceito de transcendental, isto é, não há sujeito que não seja um sujeito transcendental, como um pólo próprio do homem; cuja compreensão segue primeiramente o surgimento do eu, e que confirmado como sujeito, pode se entender como transcendental. E assim, neste caminho tem-se o eu, a seguir o sujeito, e enfim, o sujeito transcendental, para caracterizar neste, a constituição mais própria do eu, reunindo as questões associadas ao sujeito.

A modernidade é o limiar da presença da subjetividade. Primeiramente com Descartes, e a seguir com Kant, que *o eu* inicia sua seara enquanto investigador e pensamento evidente. O *eu penso* como fortaleza da subjetividade. Eis o sujeito – *o cogito* cartesiano. Validado o eu, o passo seguinte, seria determinar qual o alcance do seu conhecimento, elegendo uma sede, que seria a transcendental, apto para formular juízos, com diretrizes e julgamentos que não utilizassem elementos ulteriores à própria esfera transcendental. Esta operação que é procedida também,

---

<sup>5</sup> Nas meditações cartesianas foram postos em questão problemas como a natureza do conhecer e do sujeito cognoscente, bem como e afinal, a busca de um fundamento último para o conhecimento, temas centrais da Filosofia.

antes de Husserl por um pensador prussiano que vislumbrou na razão o instituto legislador por excelência. Deste modo, mais um legado, cuja preocupação passa pelas questões da subjetividade, é deixado e agora pelo filósofo de Königsberg<sup>6</sup> com o seu *tribunal da razão*, submetendo o conhecimento aos ditames de uma razão legisladora e conhecedora de seus limites, não se descuidando sobre o que poderia se pronunciar. Entretanto, Husserl desfruta de uma singularidade ao ser posto ao lado de tais filósofos pela força do tema que os liga. Embora como fortaleza da subjetividade – *eu penso* – e tribunal da razão – *a priori formal* – o *eu* de Husserl é um *eu puro* de uma consciência pura, isto é de uma intencionalidade pura, que diferentemente de Descartes não passa do *cogito* para o *cogitatum*, mantendo o potencial constituinte da intencionalidade da consciência diante de um mundo que a ela será dado imediatamente sem pressupostos, antepredicativamente. E quanto à diferença aprimorada de Husserl em relação ao filósofo cujo passeio favorecia ao acerto dos relógios, é a concepção do *a priori material* numa visão pré-categorial admitindo a apreensão das essências como objetivas, cujo feliz exemplo da *macieira em flor* de Husserl em seu § 88 de *Ideias* ilustra claramente a noção dessa objetividade. Embora o agrado, o sentir e o ver domiciliem-se no império da subjetividade, o objeto com o qual há interação é o que os provoca no sujeito. Esta asserção reflete a conexão objetiva e ideal de noésis e noemas puros e caracterizar-se-ia por exigir uma noção de unidade, isto é, além das verdades empíricas construídas ou verificadas e das leis lógicas pressupõem uma esfera de condições a priori de possibilidade de seu objeto e de seus métodos. Assim, ocorrem duas reduções fenomenológicas num único movimento de interação: primeira constitui uma redução eidética que busca essências e significados e no segundo, a redução transcendental, busca a essência das consciência enquanto constituinte das

---

<sup>6</sup> Trata-se de Immanuel Kant e sua contribuição nas críticas por ele elaboradas.



essências ideais. Haveria, então, pelo próprio fluxo das vivências, a possibilidade a fragmentação do *eu*? Ao contrário, Husserl acreditava que não apenas seria possível captar a percepção pessoal de outras pessoas e coisas por aplicação da redução fenomenológica mas, ainda, descobrir-se o próprio ego transcendental. Ao se alcançar essa etapa o ponto arquimediano estaria dado: a verdadeira tarefa fenomenológica principia com o *reconhecimento da inegável existência do ego como pura consciência distinguindo-se daquele psicológico que é assunto da Psicologia*. (HUSSERL, 1996, p. 17)

O sujeito, desta maneira, revela propriedade como subjetividade de permanecer e conferir sentido ao múltiplo, e que não se confunde com o eu psicológico subjugado pela realidade empírica, eis o ponto arquimediano para constituição do saber.

Logo que o ponto arquimediano se dá, o sujeito de que trata a fenomenologia de Husserl cuida de opor-se radicalmente as posições naturalísticas da física matematicista florescida na positividade contaminadora do mundo moderno, a fim de não ficar refém de ataques e de argumentações relativizadoras ao absoluto. Há uma questão muito comum e levantada com freqüência quando não se recepciona a vulnerável positividade moderna: o fato de não compactuar com o espírito positivo, não conduz ao diametralmente oposto domicílio da experiência exclusivamente sensível, sem atividade do pensamento? E, na hipótese de tal afetação, não recai o problema do homem ser guiado por um tipo de impulso? Ora, a experiência que quer Husserl com sua fenomenologia não é uma experiência de experimentos, nem tampouco irrefletida, mas uma vivência de sentidos, rigorosamente depurada. Não se trata de experimentar, mas de vivenciar. E não há possibilidade de confusão ou de servidão com os objetos da experiência, visto que os sentidos das essências visados por uma consciência intencional depuram de todo inessencial a interação entre *noésis-noema*, possibilitando o *ego-cogito-cogitatum*. Assim, se é para se falar em uma sensibilidade

pura como correção da pejorada expressão pura sensibilidade, eis a fenomenologia a mostrar-nos um novo caminho para entendê-la e absorvê-la de modo definitivamente autêntico.

Desta maneira, a fenomenologia inaugurada por Husserl quer o terreno absoluto onde se pode seriamente começar, não cedendo aos apelos, seja do psicologismo ou da pura sensibilidade, nos sentidos equivocados e correntes à época de suas elaborações. Em termos mais claros, o que Husserl irá mostrar quanto ao procedimento e a atitude intelectual do espírito humano, não na sua relação, mas em sua interação com o mundo, está no fato de que o entendimento se exerce não pela manipulação de experimentos, mas pelo esforço do pensamento, que não olvida as sensações, mas também não as contempla pura e simplesmente.

Seria por demais ingênuo não suscitar uma indagação que no seio da questão da subjetividade inevitavelmente, se apresenta a um espírito mais agudo, qual seja; como haver um liame entre subjetividade, valores e uma outra subjetividade? Em outras palavras, como se pode aplicar no plural o termo valor ao mesmo tempo constituir este valor uma unidade de significados? Como um valor pode, simultaneamente, ser subjetivo e comum? Responder a estas perguntas remonta um esforço intelectual que remete ao problema de a subjetividade denunciar-se como um campo recheado de relatividades, e se assim considerada, não poder admitir a concepção do mundo objetivo a partir de uma visão subjetiva.

#### **4. A QUESTÃO DO RELATIVISMO**

O risco de possibilidade do eu transcendental como um arcabouço de relatividades, constitui uma questão crucial para conferir ou não validade e coadunar-se com a afirmação do *eu puro* da doutrina fenomenológica. É o próprio pai da fenomenologia que

irá, brilhantemente, resolver tal problema, meditando à maneira cartesiana. Ele conduzirá um pensamento rigoroso que levará, primeiramente, ao traço comum da subjetividade para, por ela, poder elaborar valores, evidenciando objetos constituintes da vivência humana intencional, tais como, fluxo, história, cultura.

Como seria definitivamente pretensioso tratar inteiramente das *Meditações Cartesianas*, deter-se-á o presente trabalho, por oportuno que apresenta-se, abordar unicamente a *Quinta Meditação*, mais precisamente em seus parágrafos iniciais.

Se são os homens todos homens, e se todos os homens são humanos, o que pode haver de tão distinto, por mais diverso que se apresente, que possa ser maior do que as semelhanças que possam nos aproximar?

O parágrafo 42 que inicia a *Quinta Meditação*, já se inaugura com uma indagação nuclear: ...quando o eu que medita, me reduzo pela *εποική* fenomenológica ao meu ego transcendental absoluto, não me torno por isso mesmo *solus ipse* e não permaneço assim à medida que, sob o rótulo da “fenomenologia”, efetuo uma explicitação de mim mesmo? Uma fenomenologia que pretendesse resolver os problemas relativos ao ser objetivo e se considerasse uma filosofia não seria estigmatizada como solipsismo transcendental? (HUSSERL, 1996, p. 17)

Em resposta à sua própria indagação, o filósofo afirma que a redução transcendental o liga à corrente dos seus estados de consciência puros e às unidades constituídas por sua atualidades e potencialidades. A partir daí, parece natural que tais unidades sejam inseparáveis do meu ego e, dessa forma pertençam ao seu próprio ser concreto (HUSSERL, 1996, p. 104).

É a singularidade do pensamento de Husserl que o impede de ser enredado pelos grilhões do relativismo extremo. Em outras

palavras, para o pai da fenomenologia, o outro é percebido com toda a alteridade. Alteridade que o outro também tem. O outro em seu *alter ego*, entretanto, não é percebido como percebem os pensadores da modernidade naturalista, psicologista, físico-matemático, ou seja, o outro é percebido por Husserl como *objeto do mundo* e não como simples *coisas da natureza* como queriam muitos filósofos do mundo moderno.

Husserl percebia o sujeito como sujeito do mundo. Esse sujeito é também percebido com um sujeito que percebe o mundo. E este sujeito percebe um mesmo mundo que também era percebido por Husserl, num compartilhamento de experiências sendo vivenciadas não apenas num mesmo mundo, porém num mundo mesmo, próprio. Assim, Husserl tem a experiência do mundo e nele dos *outros*. Por conseguinte, no plano da explicitação noemática está presente a redução transcendental na pura consciência intencional a experiência do *mundo* e dos *outros*.

## **5. O SUJEITO, O MUNDO E OS OUTROS**

Husserl não vivencia a sobredita experiência como uma atividade sintética privada. Não se trata de um mundo estranho a ele, mas um mundo *intersubjetivo*, existente para cada um e acessível a cada um em seus objetos.

O caminho que percorre a reflexão fenomenológica não se detém pela força da *doxa*. A mera opinião guiada por uma experiência humana particular constitui unilateralidades que podem atentar contra o próprio homem. Tal parcialidade advém, como é presumível, de que o homem na forma como vive em média, antes de toda a filosofia e ciência, está sempre fixado no que carece fragmentária e circunstancialmente. A limitação a esse interesse

momentâneo estreita seu horizonte enquanto perspectivas para possibilidades de julgar e de agir. Em contrapartida o mundo é um único mundo, e não se pode fechar ante a totalidade. É visível, sobretudo, nos últimos anos perceber que, muito embora esteja sendo cada vez mais intensificada a individualidade, mais o mundo se pronuncia único e o a ação de um homem pode comprometer o futuro do outro. A continuidade de interesses de níveis cada vez mais particulares revelam-se nocivos na medida em que inobservam esse mundo único, originário e comum a todos os homens.

À originária instituição de sentido da filosofia e da ciência pode ser dirigida uma pergunta crítica: por que deveriam os homens buscar realmente evidência em relação ao único mundo, em vez de contentar-se com aquilo que lhes aparece nos campos de visão, limitados por interesses de seus eventuais mundos particulares? Se o direcionamento teórico ao único mundo deve ser significativo, deve existir um único interesse que se situa em nível mais elevado do que os interesses que amarram as pessoas aos seus mundos particulares. Esse interesse superior só pode ser o interesse naquilo que garante ao homem sua própria vida, sua existência global. (HELD, Klaus. *Fenomenologia transcendental: evidência e responsabilidade*. In: Filósofos do Século XX, p.110).

## **6. A BUSCA PELO SENTIDO – A RETOMADA**

A busca pelo sentido não deixa de se afastar deste ponto comunitário do viver e do agir humano no único mundo. E Husserl pronuncia logo no início do texto em que ele trata da *Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia* com detida atenção:

Voltemos agora nosso olhar da corporeidade humana para a espiritualidade humana, para as chamadas ciências do espírito.

Nelas o interesse teórico dirige-se exclusivamente aos homens como pessoas e para a sua vida e agir pessoais. Vida pessoal é um viver em comunidade, como eu e nós, dentro de um horizonte comunitário. E precisamente em comunidades de diferentes estruturas, simples ou complexas, tais como família, nação e super-nação. A palavra *vida* aqui não tem sentido fisiológico, é uma vida cuja atividade possui fins, que cria formas espirituais: vida criadora de cultura, em sentido mais amplo, numa unidade histórica (HUSSERL, 2008, p. 65).

O mundo da vida é o horizonte das possibilidades que Husserl enuncia na citação acima. Seja em complemento ou de modo simultâneo o mundo circundante é objeto e matéria comum no mundo e mais especialmente no mundo da vida. O *lebenswelt* transforma-se em *lebensumwelt* ou, mais simplesmente, em *Umwelt* ou mundo circundante, que não é só para mim, não é mundo isolado, mas antes mundo comunitário. *Umwelt* será o mundo que é familiar ao homem que se estrutura como lar (*Heim*) e que sucessivamente vai revelando novas determinações (MORUJÃO, 2002, p. 340).

Estando em jogo muito mais do que as particularidades de uma naturalidade ou de um psiquismo, o trabalho de Husserl não se exime de responder com segurança diante destes frágeis sistemas, e opera então uma busca de fundamentação permanente numa rigorosa constituição de um mundo que ele mesmo intitulou então de *mundo da vida*.

Como foi enunciado no início deste propedêutico trabalho, os sentidos dialogam com os valores entre os quais o sujeito enquanto proprietário por excelência da intencionalidade da consciência exerce.

Em virtude da exigência de submeter toda a empiria a normas ideais, à da verdade incondicional, aparece, de imediato, uma mudança de grande alcance em toda a práxis da existência

humana, portanto, de toda vida cultural. Esta já não se deve reger pela ingênua empiria cotidiana e pela tradição, mas pela verdade objetiva. Dessa maneira, a verdade ideal converte-se em um valor absoluto que traz consigo uma práxis universalmente transformada no movimento de formação cultural e sua constante repercussão na educação dos jovens. Se considerarmos mais atentamente a índole desta transformação, compreenderemos imediatamente o que é inevitável: se a idéia geral de verdade em si se converte em norma universal de todas as realidades e de todas as verdades relativas, que aparecem na vida humana, isso afeta também a todas as normas tradicionais, as do direito, da beleza, da finalidade, dos valores humanos dominantes.( HUSSERL,2008, p. 79).

São muitos os objetos que constituem o próprio sentido da existência do mundo que se remetem a sujeitos, como por exemplo, os livros, as obras de arte em geral como foi dito em dado momento desta pesquisa utilizando os exemplos de Heidegger, configurando afinal, um sujeito transcendental cuja doação de sentidos não ocorre de modo aleatório, ou naturalista, psicologista, mas a partir da *epoché* – rigorosa depuradora de todo inessencial a serviço da fenomenologia em busca da essência da realidade dos objetos do mundo que, na ótica de Husserl deve ser o da vida ao qual se deve retornar na medida em que se retorna a essa subjetividade transcendental pura ao mesmo tempo em que é intersubjetiva e ontoemática não com base numa hermenêutica metafísica, mas na fundação de uma ontologia do mundo da vida, daí a importância de emancipar a consciência, uma vez que quando entendida como intencionalidade é doadora de sentidos estabelecendo uma estreita relação entre doação e fundação no constituir do mundo da vida..

Enquanto permanesse cativa da atitude natural, a consciência teria necessariamente que ignorar que era, também, consciência transcendental doadora de sentido e que a realidade natural é o

simples correlato intencional das operações transcendentais. Por isso mesmo, a partir do momento que a redução perde o sentido puramente negativo de pôr a nu um resíduo e se torna efetivamente transcendental, isto é, se torna a descoberta de um novo tipo de experiência e da origem de toda a posição de transcendência, o seu movimento inverte-se, de algum modo, e desemboca no processo da constituição, que não é mais do que a redescoberta progressiva do sentido do mundo. (KELKEL & SCHÉRER, 1992, p. 46)

## **7. CONCLUSÃO**

A ambiência de crise da humanidade não consiste num particular equívoco de manifestação política. É uma crise que faz sumir o homem de seu próprio horizonte, na medida em que o mesmo, sequer fica para segundo plano. No mundo hodierno<sup>7</sup> o que está interessando é o infinitamente pequeno<sup>8</sup> como as nanotecnologias, as micropartículas. O homem do hoje é um gene, um operário, um profissional, mas homem propriamente, isto é, num sentido que revela sua humanidade para além da técnica e da possibilidade de compreensão que não passa por algum instrumento, está em franco desaparecimento. O homem está sendo fragmentado pela ciência que é encarada como explicadora de todas as coisas. A ausência de uma visão mais inteira e, portanto, mais essencial porque mais radical foi permanentemente confrontada pelo pai da fenomenologia. Husserl sabia que o relativismo oferecido pela aceitação das afirmações de base empírica era nocivo. Como agravamento seu prejuízo ultrapassou as fronteiras da realidade natural para atingir o humano, delimitando-o, absorvendo-o e subordinado sua atividade criadora enquanto portador de uma consciência doadora de sentidos. Tal consciência aprisionada pela idéia de fenômeno psíquico fica à mercê do jogo de particularidades que estabelecem um diálogo

---

<sup>7</sup> O mundo hodierno é o que experimenta a crise da pós-modernidade.

<sup>8</sup> Como infinitamente pequeno quer se dizer dos impactos da microfísica.



contínuo com o fragmentado, com o pequeno. Deste modo, é possível entrever como os caminhos da ciência podem ser descaminhos quando guiada pelo espírito positivo.

Não diremos de um geólogo que ele procura compreender uma pedra; sua tarefa ser á somente a de analisar sua composição e determinar a época de sua formação, investigar sua proveniência, etc. Bem diferente será, ao contrário a atitude de um arqueólogo ao encontrar um sílex lascado da idade da paleolítica: o sílex não remete somente a leis físico-químicas e geológicas, como todas as pedras, mas à intenção do homem pré-histórico a que se serviu de ferramenta. Não temos mais a ver conseqüentemente com um objeto natural, mas com um objeto cultural dotado de uma significação, porque a forma que lhe foi dada trai a intenção do artesão.

O mundo da cultura e da arte não pode ser contado – num sentido matemático – nem tampouco pode ser medido – num sentido geométrico. Portanto, fatos da experiência não podem ser confundidos com vivências.

O alcance da fenomenologia toca todas as áreas do conhecimento, não unicamente por se revelar como uma teoria do conhecimento, como também por trazer a possibilidade de retorno à subjetividade, ao mundo da vida. Atualmente, a distância que as ciências promovem, por exemplo, entre o médico e o paciente é profunda e até mesmo imperceptível para os mais desavisados. Ao realizar seu diagnóstico já se premuniu de todos os exames possíveis que o mundo moderno permite, mas o diálogo e a compreensão do que não é físico, biológico, não é habitualmente posto na mesa do consultório como tentativa de conhecimento muito mais da vivência do que da experiência.

O diagnóstico, por mais preciso que seja, não se basta, pois a si próprio, como seria no caso de uma simples doença orgânica;

se, mesmo de posse dele, o médico fica exterior ao psiquismo do doente, é que ele ainda não consegue perceber o que distingue a vivência do esquizofrênico da do homem normal. Precisemos bem que perceber no interior essa vivência significa pra o médico reproduzir nele o universo mental do doente, pois todo o mundo admitirá que não é preciso se tornar esquizofrênico para compreender a esquizofrenia. Trata-se de descobrir, ale dos dados objetivos e com a sua ajuda, qual é a dimensão fundamental do *ser homem*, ou do *estar no mundo*, pela qual é definido o existente humano, que se encontra perturbado pela doença. É sobre o fundo dessa intuição – que o médico encontrará em si próprio e não no quadro clínico – que poderão ser *compreendidos* os dados objetivos do diagnóstico. (KELKEL & SCHÉRER, 1992, p. 49).

Mesmo os matemáticos, forçosamente limitados à descoberta e à aplicação de leis, precisam da companhia dos filósofos, os quais procuram determinar nos conceitos o sentido e o núcleo racional em que repousa a possibilidade da ciência. Há uma importância singular nesta compreensão uma vez que a própria ciência não dada de antemão, senão sobre um solo que não ela mesma que pode se dissolver na experiência mutável.

Por outro lado vale lembrar que o próprio Husserl teve uma formação científica e primou por uma ciência rigorosa. A discordância quanto à ciência ocorre no campo da aplicação indevida ou extensão espúria da prática científica de bases positivistas, naturais ao mundo do humano. A reumanização a partir da fenomenologia se cumpre na valorização do mundo da vida enquanto mundo eminentemente humano que só pode ser fundado com base na fenomenologia.

O retorno radical proposto pela fenomenologia constitui sua singularidade, como bem se percebe nas *Meditações Cartesianas* um retorno a subjetividade, ao *eu penso*, obra na qual Husserl aparece

buscando o permanente recomeço que é marca de seu trabalho incansável sempre depurando de todo inessencial seus escritos.

Este trabalho procurou demonstrar a importância de cada fase de Husserl bem como a sua contribuição na sua formação para proceder a avaliação profunda do quadro de crise da humanidade que ele diagnosticou em seu tempo, mas que estende-se aos tempos atuais.

O ambiente de culto à ciência, mais precisamente físico-matemática, o positivismo, o psicologismo seriam refutados por um filósofo cuja primeira formação fora matemática, e que diante do psicologismo, soube como posicionar a lógica a fim de não torná-la submissa ao psiquismo de uma consciência entendida como fenômeno psíquico.

Husserl ergueu sua fenomenologia e afirmou a fragilidade das posições resultantes das correntes da filosofia moderna, as quais foram mencionadas no parágrafo acima propiciando ao espírito mais avisado uma emancipação que se poderia perceber nas *Investigações Lógicas*, onde trabalhou, mais precisamente a partir da quinta investigação o conceito de consciência enquanto intencionalidade, assim como também refletiu sobre as questões do conhecimento, levantando assim uma resposta, a duas das correntes acima mencionadas, a saber, a do psicologismo e a do positivismo.

O naturalismo, isto é, a negação de qualquer distinção entre a natureza e a supranatureza, que se baseia na tese de que o homem pode e deve ser explicado em todas as suas manifestações, mesmo nas consideradas superiores – direito, moral, religião – apenas em relação com as coisas e os seres do mundo natural, com base nos mesmos conceitos que as ciências naturais utilizam.

Ao homem de hoje aparece o ente intramundano já afetado de uma determinação prévia, que as ciências naturais da época moderna elaboram; mesmo àqueles que vivem alheios aos

resultados e métodos científicos se revelam as coisas mundanas como determináveis cientificamente. (MORUJÃO, 2002, p. 335)

O avanço das ciências como imaginavam seus “idealizadores”, na refletia a segurança que esperavam. Husserl não pretende depreciar os resultados colhidos pelas ciências experimentais, mas tais ciências não determinaram exatamente seu objeto e não sabem, pois, a que se referem os resultados obtidos. A inteligência, por exemplo, não pode ser o que alguns testes *medem*. Como calcular sobre a sensação, sobre a percepção e sobre a memória? O mundo natural onde se mede e se explica é distinto do mundo do espírito onde só se pode obter conhecimento por meio da compreensão.

O passo seguinte foi na direção da redução transcendental, o terreno da fenomenologia pura enunciada nas *Idéias*, cuja primeira seção já se inicia pela distinção entre fato e essência. Um terreno onde se pode seriamente começar não mais com a opinião dos filósofos, mas com a própria realidade, revelando mais uma vez o permanente exercício de depuração das coisas que se mostram à consciência.

A interação sujeito-objeto, isto é, no próprio interior do *noésis-noema* ocorre o viver originário, visto que a consciência não é mais, conseqüentemente, uma parte do mundo, mas o lugar de seu desdobramento no campo original da intencionalidade.

Neste trabalho procurou-se também demonstrar a importância do conceito de intencionalidade.

Os objetos não ingressam na consciência como um conteúdo externo que nela se interioriza. A consciência já está voltada para eles, numa forma de relacionamento imediato, que melhor se traduz pela idéia de orientação, de direção. A consciência está dirigida, orientada para os objetos, como termo de seus próprios atos.

Enfim, a reumanização do homem constitui-se em captar esse mundo da vida e redirecionar o horizonte histórico do homem no uso da ciência, da razão, enfim, de todas as suas faculdades na construção interada com sua realidade no seio de seus projetos existenciais.

## **BIBLIOGRAFIA:**

FLEISCHER, Margort. *Filósofos do Século XX*. Trad. Benno Dischinger, RS: Editora Unisinos, 2000.

GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *A Essência do Fundamento*. Edições 70, Lisboa, 1988.

\_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. Trad. Maria da Conceição Costa Lisboa: edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. Trad. Maria José R. Campos. In *kriterion*, Vol XXVII, nº 76 jan a jun 1986.

\_\_\_\_\_. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo finitude e solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HELD, Klaus. *Fenomenologia transcendental: evidência e responsabilidade*. In: *Filósofos do Século XX*. Margot Fleischer (org). São Leopoldo: RS: Unisinos, 1995.

HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Trad. e Intr. Urbano Zilles, 2 ed. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2002. (Coleção Filosofia Vol. 41).

\_\_\_\_\_. *A Filosofia como ciência rigorosa*. Trad. Albin Beau. Pref. de Joaquim de Carvalho. Coimbra: Ed. Coimbra, 1952.

\_\_\_\_\_. *Ideas*. Translated by W. R. Boyce Gibson. London: George Allen & Unwin LTD, 1969.

\_\_\_\_\_. *Ideas Relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*, traducción del alemán José Gaos, Fondo de Cultura económica, 1962.

\_\_\_\_\_. *Investigaciones lógicas*. Traducción del alemán Manuel García Morente y José Gaos. Madrid: Biblioteca Revista de Occidente, 1976.

\_\_\_\_\_. *Edmund. Meditaciones Cartesianas*. Traducción José Gaos & Manoel García-Baró. México: Condo de Cultura Económica, 1996.

---

\_\_\_\_\_. *Meditações Cartesianas*. Trad Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

KELKEL, L Arion & SCHÉRER, René. *Husserl*. Trad. Joaquim Coelho Rosa. Lisboa: Edições 70. (Biblioteca Básica de Filosofia), 1982.

LYOTARD, Jean-Fraçois. *A fenomenologia*. Trad. Armindo Rodrigues. Lisboa: Edições 70. (Biblioteca Básica de Filosofia), 1986.

MORUJÃO, Alexandre F. *Estudos Filosóficos*. Vol I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002.

SCHELER, Max Ferdinand. *El Puesto del Hombre en el cosmos*. Traducción del alemán Marga Miller. Editorial Betiles: Buenos Aires, 1979.